Você Pode Me Querer Amanhã Também

Não é preciso ser perfeita para se permitir ser amada



Laura Bellini

Você Pode Me Querer Amanhã Também

Não é preciso ser perfeita para se permitir ser amada

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384903599

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Condições que eu não havia previsto 13
Capítulo 2 - Espaço para dois 22
Capítulo 3 - Quando tudo começa a sair do lugar..... 32
Capítulo 4 - O que não se coloca em um projeto..... 42
Capítulo 5 - O direito de dizer não 53
Capítulo 6 - A distância de uma respiração 62
Capítulo 7 - Do outro lado do beijo..... 72
Capítulo 8 - Em um mundo que eu não conhecia.....81
Capítulo 9 - O risco que escolhemos correr 90
Capítulo 10 - Sem planos para amanhã 100
Capítulo 11 - Entre nós e o resto do mundo..... 110
Capítulo 12 - O preço do silêncio.....120
Capítulo 13 - O preço das próprias decisões 130
Capítulo 14 - O que temos medo de perder 140
Capítulo 15 - Tudo o que você não me contou.....150
Capítulo 16 - Uma distância que não pode ser medida 162
Capítulo 17 - A vida não espera.....173
Capítulo 18 - O primeiro passo sem promessas.....182
Capítulo 19 - Não basta dizer a verdade 191
Capítulo 20 - Você pode me querer amanhã também 201

INTRO

Às sete e quarenta e três da manhã, eu estava parada no meio da futura sala de ioga, tentando me convencer de que o estalo vindo da parede não significava uma catástrofe.

A reforma ainda levaria vinte e dois dias. Eu sabia disso com precisão porque, havia seis semanas, mantinha uma planilha na qual cada dia tinha sua própria cor, cada atraso ganhava uma célula vermelha e qualquer despesa acima do orçamento se transformava imediatamente em um número em negrito. Não considerava aquilo uma obsessão. Simplesmente, depois de anos trabalhando em salas alugadas, adaptando meus horários às atividades dos outros e pedindo desculpas às alunas por um vestiário do tamanho de um armário de corredor, finalmente eu teria meu próprio espaço.

Meu.

Era a palavra de que eu mais gostava.

Passei a mão pela parede recém-rebocada. Um pó branco ficou grudado nos meus dedos. Ali seriam instalados espelhos grandes. Perto da janela, eu planejava colocar uma fileira de plantas. Mais ao fundo, atrás de uma divisória de madeira, ficaria uma pequena recepção com um espaço para preparar chá. O piso seria claro, aconchegante, sem brilho. Nada deixado ao acaso. Nenhuma decoração da moda que, dali a dois anos, parecesse uma ideia tirada de um catálogo de uma década atrás.

Eu sabia o que queria.

Por isso, não precisava de um designer de interiores.

E, definitivamente, não precisava de Dariusz Kania.

— Lara?

A voz dele me fez virar depressa demais.

Dariusz estava parado na porta aberta, segurando com uma das mãos um estojo de amostras e ajeitando com a outra a alça da bolsa pendurada no ombro. Vestia uma jaqueta escura, um suéter cinza e tinha a mesma expressão tranquila de que eu me lembrava de anos atrás. Só que, naquela época, ele me parecia simplesmente confiante. Agora, enxerguei algo ainda mais irritante: um homem que parecia saber exatamente quanto tempo podia permanecer em silêncio antes que a outra pessoa começasse a falar demais.

— Dariusz.

Ele sorriu.

— Isso quase pareceu uma saudação.

— Ainda não decidi.

Ele tirou a jaqueta, examinou o ambiente e, em vez de responder, caminhou alguns passos até o centro da sala. Não tinha pressa. Observava o teto, as paredes, as janelas. Os fios expostos, os sacos de argamassa e as tábuas empilhadas num canto.

Era exatamente disso que eu mais me lembrava nele. Da atenção. Dariusz não apenas observava os ambientes. Ele os lia.

Nós nos conhecemos nove anos antes, quando eu ajudava uma amiga a abrir uma pequena cafeteria. Ele era responsável pelo projeto de interiores. Eu deveria apenas escolher alguns acessórios decorativos, mas acabamos passando três semanas discutindo por que a iluminação

sobre as mesas era mais importante do que a cor das xícaras.

Depois, a vida fez aquilo que costuma fazer com pessoas que ainda não são suficientemente importantes uma para a outra.

Afastou-nos sem nenhum esforço.

— Achei que você mandaria alguém do escritório — comentei.

— Poderia ter mandado.

— Mas não mandou.

Ele me olhou.

— Porque você escreveu que não precisava de ninguém.

— E continuo não precisando.

— Foi justamente por isso que resolvi vir pessoalmente.

Soltei uma risada pelo nariz, embora não quisesse lhe dar essa satisfação.

Dariusz se aproximou da parede onde eu havia prendido uma cópia impressa da planta com fita adesiva. Estudou o desenho por alguns instantes e apontou para um espaço próximo à recepção.

— Você pretende deixar isso aqui?

— Sim.

— Por quê?

— Porque é onde fica a recepção.

— Estou vendo. Perguntei por que ela fica aí.

Cruzei os braços.

— Quem entra consegue ver imediatamente a pessoa atrás do balcão. O espaço de apoio fica atrás. Aqui permanece a passagem livre. É a disposição mais simples.

— A mais simples nem sempre é a melhor.

— Estou começando a me lembrar de por que, nove anos atrás, tive vontade de estrangular você com uma luminária.

— Aquela preta?

— Exatamente aquela.

— Era pesada demais.

Sorri sem querer.

E foi justamente naquele momento que surgiu a primeira rachadura na minha manhã tão perfeitamente organizada.

Não porque Dariusz tivesse questionado meu projeto. As pessoas faziam isso com frequência. Também não porque ele estivesse bonito, embora fosse desonesto afirmar que eu não havia percebido.

Era algo muito mais desconfortável.

Perto dele, eu me lembrava de uma versão de mim mesma que ainda não tinha tudo planejado.

— Mostre o que você mudaria — pedi.

Levantei um dedo.

— Mostre. Não mude nada.

— Claro.

Ele tirou da bolsa uma trena a laser e começou a conferir as distâncias. Durante alguns minutos, nos movimentamos pelo ambiente quase sem conversar. Eu explicava minhas escolhas, enquanto ele fazia perguntas curtas.

Quantas pessoas participariam de cada aula? Eu também pretendia oferecer oficinas? O estúdio funcionaria à noite? As alunas deixariam os sapatos perto da entrada?

Ele não sugeriu nenhuma alteração de imediato.

Aquilo me desarmou mais do que qualquer crítica.

Por fim, parou junto à parede oposta às janelas.

— Se você deixar a recepção onde está planejando, vai perder a melhor luz natural da segunda metade do dia.

— A recepção não precisa de luz.

— Você não precisa de luz na recepção. É diferente.

Olhei para ele.

— Filosofia de interiores?

— Funcionalidade. Você vai passar mais tempo aqui do que qualquer uma das suas clientes.

— Não estou projetando este lugar para mim.

— Esse é o erro.

Ele falou com tranquilidade, mas alguma coisa dentro de mim imediatamente se contraiu.

— Você não conhece meu negócio.

— Conheço pessoas que criam espaços pensando tanto nos outros que, depois de um ano, não têm nem onde se sentar.

— E é exatamente por isso que não contratei um designer.

— Mesmo assim, você me ligou.

— Liguei porque o empreiteiro disse que a parede perto do banheiro talvez exija uma alteração nas instalações. Preciso de uma consultoria. Uma só.

Dariusz me observou por alguns instantes, como se estivesse decidindo se deveria dizer mais alguma coisa.

— Uma consultoria não vai ser suficiente.

— Cinco minutos atrás, seria.

— Cinco minutos atrás, eu ainda não tinha visto isso.

Ele apontou para o teto.

Só então percebi uma linha fina acompanhando o canto da parede. A fissura parecia inofensiva, mas se estendia exatamente acima do lugar onde seriam instalados os armários.

— Isso é recente? — perguntei.

— Parece que sim.

— E isso significa...?

— Significa que, antes de alguém começar a instalação dos armários, precisamos verificar o que está acontecendo no andar de cima. E quero ver a instalação perto do banheiro.

— Você quer?

— Certo. Você deveria examiná-la. Eu posso explicar o que procurar.

Aquela única frase foi suficiente para que eu o enxergasse de outra maneira.

Ele não disse que assumiria o problema. Não disse que cuidaria de tudo.

Deixou a decisão nas minhas mãos.

— Quanto tempo? — perguntei.

— Hoje?

— Não. No total. Se eu concordasse em deixar você avaliar o projeto.

Dariusz apoiou a mão no parapeito da janela.

— Dois dias para fazer uma avaliação técnica. Depois, você decide se quer mudar alguma coisa.

— E você?

— Eu o quê?

— O que ganha com isso?

Por um instante, a expressão levemente divertida desapareceu de seu rosto.

— Um trabalho.

— Você tem uma empresa. Imagino que não esteja exatamente esperando aparecer um pequeno imóvel com uma sala de ioga.

A pergunta tinha um tom de brincadeira, mas a resposta dele demorou um pouquinho mais do que deveria.

— Qualquer projeto pode ser interessante.

Percebi a hesitação.

Breve. Quase imperceptível.

Eu poderia tê-la ignorado.

Mas não ignorei.

— Muito diplomático.

— Estou aprendendo.

— Desde quando?

— Desde que a sinceridade começou a me custar caro.

Ele me encarou e, dessa vez, não havia nenhum sorriso em seu rosto.

Uma rajada de ar frio entrou pela porta aberta e agitou a folha com meu projeto. Uma das pontas se soltou da parede, fazendo o papel tremer levemente.

Dariusz se aproximou, ajeitou a fita adesiva e então deixou os dedos descansarem sobre a folha, bem ao lado das minhas anotações manuscritas.

— Você ainda planeja tudo? — perguntou.

— E você ainda acha que um plano é apenas uma sugestão?

— Só quando alguém deixa pouco espaço nele para mudar de ideia.

Ele estava perto.

Não tão perto que eu precisasse me afastar.

Exatamente perto o bastante para que eu pudesse decidir se queria fazer isso.

Não me afastei.

— Dois dias — falei.

— Dois dias.

— Você não muda nada sem minha autorização.

— Lara, o estúdio é seu.

— Exatamente.

Ele estendeu a mão.

Eu a apertei.

A mão dele estava quente por ter passado algum tempo no bolso da jaqueta. A minha estava fria de tanto tocar nas paredes. Aquele contraste durou um segundo, talvez dois, mas foi tempo suficiente para me lembrar de algo que eu não pretendia recordar: que, um dia, eu havia gostado da

maneira como ele me olhava, antes de cada um seguir seu próprio caminho.

Fui a primeira a soltar sua mão.

Dariusz recolheu as amostras e os documentos.

— Volto amanhã às oito.

— Às oito e quinze.

— Por quê?

— Porque às oito eu tomo café.

— Ainda sem açúcar?

Fiquei imóvel.

Ele já estava perto da porta.

— Você se lembra?

Dariusz virou a cabeça.

— Não esqueço tudo só porque se passaram nove anos.

Fiquei sozinha no meio da sala, cercada pela poeira, pelas tábuas e pelo meu plano perfeito, que apenas uma hora antes parecia completo.

Continuei olhando para a porta por mais tempo do que seria razoável.

E, pela primeira vez em muito tempo, não me perguntei se havia tomado a decisão certa.

Perguntei a mim mesma o que faria se, no dia seguinte, ainda quisesse que Dariusz entrasse por aquela porta.

Capítulo 1 - Condições que eu não havia previsto

Na manhã seguinte, às oito e quinze, Dariusz Kania apareceu no meu estúdio com dois cafés e a expressão de um homem que esperava encontrar problemas, mas pretendia encará-los como um desafio interessante.

Eu estava sentada no parapeito da janela havia vinte minutos, examinando o orçamento. Durante a noite, havia recebido uma mensagem do empreiteiro. A fissura perto do teto precisava ser investigada, e a instalação próxima ao banheiro poderia entrar em conflito com os móveis planejados. Nenhum valor concreto, nenhum prazo, apenas uma garantia educada de que tudo poderia ser resolvido.

Eu odiava esse tipo de garantia.

— Sem açúcar — disse Dariusz, entregando-me um copo de papel. — Embora, pela sua expressão, eu ache que deveria ter trazido alguma coisa mais forte.

— Se você tiver na bolsa a autorização de funcionamento e mais trinta mil złotys, pode ficar.

— Tenho uma trena, um computador e dois sanduíches.

— Os sanduíches parecem promissores.

Ele sorriu, mas logo olhou para os documentos espalhados ao meu lado.

— Más notícias?

Entreguei-lhe o celular com a mensagem do empreiteiro. Dariusz a leu duas vezes, sem fazer comentários. Depois, deixou o café de lado e se aproximou da parede que havia examinado no dia anterior.

— Primeiro vamos estabelecer os fatos. Depois, os custos.

— Você fala como alguém que nunca precisou conferir o saldo bancário antes de pagar uma fatura.

Ele se virou.

— Não presuma isso.

Disse sem sorrir. Por um segundo, o clima entre nós ficou estranho, embora eu não soubesse explicar por quê. Logo depois, porém, ele tirou um caderno de esboços da bolsa e retomou o tom objetivo.

— Quero conversar com o empreiteiro, examinar a documentação das instalações e verificar se a distribuição planejada realmente faz sentido.

— A minha distribuição faz sentido.

— Faz sentido para alguém que quer colocar o máximo possível de coisas em um espaço pequeno. Não tenho certeza de que faça sentido para a pessoa que vai trabalhar aqui.

— Lá vem você de novo.

— Ainda nem terminei.

Ele se aproximou da janela e apontou para o local onde eu havia planejado a recepção. Explicou que os armários altos reduziriam a entrada de luz em parte da sala e que o corredor estreito poderia se tornar um problema quando uma turma estivesse saindo e a seguinte chegando ao mesmo tempo. Falava com calma, de maneira objetiva, sem aquele tom especial que alguns homens usavam para me explicar coisas óbvias.

O pior era que seus argumentos faziam sentido.

— Não pretendo abrir mão das doze vagas — declarei.

— Não estou pedindo que abra.

— Então está pedindo o quê?

— Permissão para verificar se é possível acomodar essas doze pessoas de uma maneira melhor.

— Ontem combinamos dois dias de avaliação.

— E é exatamente o que estou fazendo.

— Nesse caso, pare de olhar para as minhas paredes como se elas tivessem ofendido você pessoalmente.

Ele riu.

Aquela risada era diferente da de nove anos atrás. Mais grave, mais curta, menos despreocupada. Pensei que muitas coisas deviam ter acontecido na vida dele durante todo aquele tempo, coisas sobre as quais eu não sabia absolutamente nada.

E então fiquei irritada comigo mesma por me interessar por isso.

Às nove, Marek, o empreiteiro responsável pela reforma, chegou. Era um profissional competente, mas pertencia à categoria de pessoas que consideravam qualquer pergunta adicional uma ofensa pessoal. Quando viu Dariusz, franziu imediatamente a testa.

— E o senhor é...?

— Dariusz Kania. Estou prestando consultoria sobre a distribuição funcional do espaço.

— Nós já temos um projeto.

— Justamente por isso, gostaria de verificar como foi planejado o percurso das instalações.

Marek olhou para mim.

— Senhora Lara, se todo mundo começar a mudar alguma coisa aqui, nunca vamos terminar.

Senti aquela pontada familiar de irritação. Desde o início da reforma, eu já havia precisado lembrar várias vezes que era a responsável pelo investimento, não uma garota a quem alguém deveria explicar pacientemente por que precisava concordar com tudo.

— Ninguém está mudando nada ainda — respondi. — Estamos verificando o problema que o senhor mesmo apontou ontem.

Dariusz não interferiu. Permaneceu ao meu lado, deixando que eu conduzisse a conversa.

Apreciei aquilo mais do que gostaria de admitir.

Marek mostrou fotografias das instalações expostas. Dariusz fez perguntas sobre o percurso dos canos, a espessura dos revestimentos e o acesso para manutenção. Em determinado momento, pediu a documentação da reforma anterior. Descobrimos que o proprietário do imóvel deveria tê-la enviado, mas ainda não havia feito isso.

— Então não sabemos exatamente o que existe atrás dessa parede — resumiu Dariusz.

— Sabemos mais ou menos — respondeu Marek.

— Mais ou menos não é suficiente quando pretendemos fechar esse acesso por vários anos.

O silêncio se instalou.

Eu não gostava quando alguém confirmava meus piores receios.

— O que você sugere? — perguntei.

— Suspender a instalação dos móveis nessa parte até verificarmos a tubulação. Os outros serviços podem continuar. Não existe motivo para interromper a reforma inteira.

Marek assentiu, embora sem entusiasmo.

Quando ele saiu, encostei na parede e fechei os olhos.

— Acabei de perder uma semana?

— Ainda não.

— Que palavra reconfortante.

— Não vou tentar tranquilizar você enquanto não souber se existe motivo para isso.

Abri os olhos.

— Você sempre foi tão insuportavelmente objetivo?

— Não. Antigamente, eu era ainda mais insuportável.

Observei-o com mais atenção. Tinha cabelos escuros e curtos, com os primeiros fios grisalhos nas têmporas, e pequenas rugas ao redor dos olhos. Não parecia um homem tentando impedir a passagem do tempo. Parecia alguém que havia aprendido a não pedir desculpas por envelhecer.

— Quero mostrar uma coisa — disse.

Ele abriu uma folha grande de papel no chão e desenhou o retângulo da sala. Marcou a entrada, as janelas, o banheiro e a recepção planejada. Depois, deslocou a recepção para outro lugar, alterou a direção do corredor e sugeriu armários baixos em vez de uma divisória alta.

Não tentou transformar meu estúdio em um salão sofisticado. Manteve o piso de madeira, os tons suaves de verde e a sensação de espaço que eu tanto desejava.

Mas, de repente, tudo parecia mais livre.

— Isso é irritante — comentei.

— O quê, exatamente?

— O fato de eu gostar mais dessa versão.

Dariusz ergueu o olhar.

— Posso fingir que não ouvi.

— Eu agradeceria.

Aproximei-me do desenho e me ajoelhei ao lado dele. Nossos ombros ficaram quase alinhados. Senti o perfume discreto que usava, algo amadeirado e quente, sem aquela doçura excessiva que costumava me incomodar.

Apontei para um espaço perto da janela.

— Aqui precisa continuar existindo uma área para exercícios individuais. Não quero abrir mão dela.

— Por que é tão importante?

Hesitei.

Poderia dizer que se tratava de oferecer aulas adicionais e aumentar a receita. Seria verdade, mas não toda a verdade.

— Porque nem todo mundo quer praticar exercícios diante de doze pessoas — respondi. — Às vezes, alguém volta depois de uma longa pausa, depois de uma doença ou simplesmente em um dia em que não deseja ser observado. Quero oferecer um lugar onde essa pessoa não precise provar nada a ninguém.

Dariusz pousou o lápis.

— Isso não estava na descrição do seu projeto.

— Porque nem tudo cabe em uma planilha.

— É exatamente o que estou tentando dizer desde ontem.

Olhei para ele com uma severidade fingida.

— Não use meus próprios argumentos contra mim.

— Então pare de me oferecer argumentos tão bons.

Por alguns instantes, ficamos nos olhando a uma distância que subitamente me pareceu pequena demais para uma simples consultoria. Dariusz foi o primeiro a voltar a atenção para o desenho, mas fez isso devagar, como se também tivesse percebido a mudança.

— Vamos manter esse espaço — disse. — Encontraremos outra solução.

Ao meio-dia, recebi uma ligação do proprietário do imóvel. A documentação das instalações estava arquivada com a administração do edifício e talvez só chegasse no dia seguinte. Quando transmiti a informação a Dariusz, ele consultou o relógio.

— Nesse caso, posso preparar duas alternativas hoje. Amanhã verificaremos qual delas é viável.

— E se nenhuma for?

— Então faremos uma terceira.

— Você não aceita derrotas?

— Aceito. Só prefiro examinar todas as possibilidades primeiro.

O celular no bolso dele vibrou. Dariusz olhou para a tela, e seu rosto ficou tenso por um instante. Rejeitou a ligação.

— Precisa atender? — perguntei.

— Agora não.

— Pode ser importante.

— Eu sei.

Respondeu depressa demais. Não queria me intrometer em seus assuntos particulares, mas guardei aquele breve momento na memória.

Antes de sair, ele parou perto da porta.

— Lara, tem mais uma coisa.

— Estou ouvindo.

— Se eu continuar trabalhando neste projeto, vou precisar de algo além da sua autorização para desenhar.

— O quê?

— Você precisa me permitir dizer quando uma ideia sua não funciona. Mesmo quando gosta muito dela.

Cruzei os braços.

— E você precisa aceitar que a decisão final é minha.

— Naturalmente.

— Sem ficar ofendido.

— Sem ficar ofendido.

— E sem fazer alterações pelas minhas costas.

— Nunca trabalho dessa maneira.

Observei-o por alguns segundos.

— Então temos uma condição.

— Uma só?

— Para começar.

Ele sorriu discretamente.

— Amanhã trarei uma proposta detalhada.

— E eu prepararei uma lista de coisas nas quais você está proibido de mexer.

— Suspeito que será longa.

— Muito.

Quando Dariusz saiu, olhei para o desenho que havia deixado no chão. Ao lado da minha planta cuidadosamente preparada estava o esboço dele, cheio de correções e anotações breves. Duas maneiras de pensar sobre o mesmo lugar.

Nos últimos anos, eu havia aprendido que independência significava poder tomar minhas próprias decisões. Não precisava de ninguém que assumisse a responsabilidade pela minha vida.

Mas talvez existisse uma diferença entre entregar o controle a alguém e permitir que essa pessoa se aproximasse o suficiente para enxergar onde eu mesma estava errando.

À noite, quando estava fechando o estúdio, encontrei uma pequena anotação no verso do desenho dele.

"Não se esqueça de reservar um lugar para você."

Li duas vezes.

Depois, em vez de guardar a folha em uma pasta, levei-a para casa.

Capítulo 2 - Espaço para dois

No dia seguinte, cheguei ao estúdio mais cedo do que pretendia. Não porque estivesse esperando Dariusz. Pelo menos era essa a explicação que dava a mim mesma enquanto, às sete e meia da manhã, estava sentada diante de uma mesa improvisada, organizando amostras de cores.

Na verdade, queria aproveitar alguns momentos de tranquilidade antes de outra conversa na qual provavelmente descobriria, mais uma vez, que minhas soluções cuidadosamente planejadas precisavam ser modificadas.

Às oito, recebi uma mensagem.

"A documentação chegou à administração. Vou buscar uma cópia depois das nove. Estarei aí antes das dez."

Respondi brevemente que estaria esperando.

Pouco depois, chegou outra mensagem.

"E não tente mudar a recepção de lugar sozinha. Sei do que você é capaz."

Sorri para o celular.

Não me lembrava da última vez que alguém havia conseguido me fazer rir com duas frases, sem sequer tentar ser engraçado.

Antes das dez, minha amiga Natalia chegou. Nós nos conhecíamos desde a universidade, e ela fazia parte do pequeno grupo de pessoas capazes de me dizer verdades inconvenientes sem correr o risco de que eu rompesse imediatamente nossa amizade.

Trouxe pães doces e se sentou no parapeito da janela.